



ISBN 978-85-62002-03-8

Memórias e harmonias da Banda da Lapa

DVD

Memórias e harmonias da Banda da Lapa



Documentário de Daniel Choma e Tati Costa



PRODUÇÃO



Instituto de Memória e Imagem

APOIO



SOCIEDADE MUSICAL
E RECREATIVA LAPA

REALIZAÇÃO



Cultura



Esta iniciativa integra o Prêmio Interações Estéticas - Residências Artísticas em Pontos de Cultura

Secretaria de
Cidadania Cultural

Ministério
da Cultura



Memórias e Harmonias da Banda da Lapa

1ª Edição - Ribeirão da Ilha - Florianópolis - SC

Organizado por Daniel Choma e Tati Costa

Câmara Clara

2011



Este livro digital Memórias e harmonias da Banda da Lapa está licenciado sob uma licença

Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada.

Para detalhes acesse: http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt_BR



Das interações estéticas

Mais de cem anos. Muita história. Fundada em 15 de agosto de 1896, no dia da festa da santa padroeira do Ribeirão da Ilha, bairro de Florianópolis-SC, a Banda da Lapa tem em sua trajetória muitas histórias de amor à música e à amizade. Histórias que contam sobre um tempo que vem de antes de nossos avós, mas que continuam sendo contadas, imaginadas, recriadas. Novas histórias que vão sendo vividas por pessoas mais jovens que nós.

Banda Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha, Banda do Zé Pereira, Sociedade Musical e Recreativa Lapa, Banda da Lapa. A banda de todos os riberonenses e de todos os ritmos. Dos chorinhos e dobrados, das marchinhas de carnaval e das marchas religiosas, fúnebres e militares. De quem já foi da valsa, do bolero e do samba-canção, e que agora é samba, rock, pop, outras canções. Dos diferentes ritmos em que pulsam os corações.

Banda em que os tempos se encontram com harmonia, no saudável convívio entre pessoas de diferentes gerações, na transmissão de saberes. Saber contar e saber ouvir. Saber ensinar e saber aprender. No trabalho voluntário de formação musical que a Banda da Lapa mantém há mais de 50 anos.

Banda sempre disposta a tocar nas mais variadas festas religiosas, seja sobre o asfalto de Canasvieiras, nas areias do Pântano do Sul ou em barcos na Costa da Lagoa; sob a figueira da Praça XV ou nos belos palcos de Garopaba. No salão social do Ribeirão da Ilha em domingo de Dia das Crianças, na praça da igreja em época de Natal, nas ruas do bairro em dias de Zé Pereira - seja para sete ou sete mil pessoas. Sob sol ou vento sul, dia ou noite, a receber refeições indecentes e outras feito banquetes. A humildade, como a cera, faz brilhar.

Da Banda da Cera - cujos músicos passaram a integrar a Banda da Lapa na década de 1920 - ficou o exemplo da persistência, da dedicação, da continuidade apesar de todas as dificuldades. Afinal, se hoje ela está estruturada com um quadro de sócios que contribuem mensalmente com pequenas quantias na conta de luz, e tem conseguido - pela batalha de muitos - inscrever e aprovar projetos junto aos órgãos públicos para aquisição de instrumentos e qualificação de professores, por mais de um século a banda sobreviveu sem recursos e até mesmo sem espaço para ensaio. É o que indica o depoimento do Maestro Mario João Daniel, regente da Banda da Lapa na década de 1990. “Era uma banda pobre, não tinha recurso de nada. Então, para manter a banda era só a vontade. A garra de uma meia dúzia que às vezes deixam de atender uma coisa em casa para ir pra banda. Nós somos assim. O Alécio é um desses, um guerreiro que deu a vida pela banda, até hoje lutando por ela. O que mantém a banda é isso”.

Foram 41 entrevistas, três meses acompanhando a banda em seu cotidiano e apresentações. O processo vivido reforça a importância dos mais velhos como guardiães da memória social. Sem eles, não se poderia conhecer melhor o que se passou e, portanto, não se poderia reconhecer nem valorizar o ponto em que se chegou. Foram nos manuscritos e lembranças de Alécio Heidenreich - 82, neto, filho e irmão de músicos da Banda da Lapa - que se deu o principal impulso para a realização deste trabalho. Alécio, das memórias transcritas detalhadamente na forma de textos. Das lembranças tantas vezes contadas, mas em quem o brilho nos olhos é maior a cada recontar. Ele, que preservou

Arnoldo Manoel Feliciano (Dedinha),
percussionista da Banda da Lapa há
mais de 40 anos, apresenta seu acervo
de fotografias durante entrevista.



guardado o singelo bloco de anotações que levava consigo nos carnavais, com o lembrete das notas de entrada das principais marchinhas que executava – e cuja foto se tornou capa deste material. Das mangas colhidas em seu quintal e que tanto refrescou a equipe deste projeto após as tradicionais uma hora e meia de retorno no latão até em casa.

Este trabalho também possibilitou-me o prazer de uma conversa com Dedinha, 72, das fotografias e emoções guardadas como tesouros. Com Anita, 80, da alegria e das canções que iluminam a sala. E com tantas outras pessoas queridas, com as quais aprendi sobre música, sobre a vida. E se por um lado toda entrevista promove o encontro das diferenças, o respeito conduz à harmonia.

No processo de pesquisa também foram localizadas diversas fotografias de rara expressividade para a trajetória histórica da Banda e que ainda não figuravam em seu acervo. Destaca-se ainda o encontro de duas importantes partituras que estavam desaparecidas e desconhecidas da maioria dos músicos atuais. Uma delas, o dobrado “Ressurgimento”, composto em 1952 pelo Maestro Brasília Machado em homenagem ao retorno da Banda após um ano de suspensão das atividades. A outra partitura encontrada foi o “Hino à Banda do Ribeirão”, composto em 1966, de autoria do Maestro Paulo Cordeiro Dutra, então regente da Banda da Lapa. Todo este material foi digitalizado, catalogado e entregue a banda sob a forma de CD. A democratização do acesso aos resultados gerados - tônica das produções do Instituto Câmara Clara - se fez pela distribuição gratuita de exemplares deste Livro DVD a escolas, bibliotecas, cineclubes e comunidades de Florianópolis e, ainda, pela montagem de uma Exposição Fotográfica e a exibição pública dos documentários resultantes.

Do ar, o sopro, o pulso e a pausa, quatro partes de um mesmo compasso, as Memórias e Harmonias da Banda da Lapa. Este Livro DVD reúne parte da pesquisa realizada, como um pequeno memorial. Memorial parcial e para sempre incompleto, haja visto que o tempo é imagem em movimento e a história continua. Dia a dia, grão a grão, nota por nota.

E como o tempo não pára... A banda tem que continuar!

Texto de Daniel Choma. videasta e fotógrafo coordenador da Câmara Clara - Instituto de Memória e Imagem.



O edital público que viabilizou a realização deste trabalho tem o provocante nome de Interações Estéticas – Residências Artísticas em Pontos de Cultura, e fomenta a integração entre artistas independentes e Pontos de Cultura. Interessante pensar na significação do termo “interações estéticas”, pelo que propõe e pelo que vivemos, eu e Tati Costa, nos meses de desenvolvimento deste trabalho. Interações, intersecções, integrações. Estética, que tem origem na palavra grega aisthesis (estesia, em português), pode ser compreendida, de acordo com João Francisco Duarte Jr., em seu sentido mais simples: “vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente”.





Do ar

[1º Ato - 13 minutos]



“Vamos formar uma banda?

Começaram a rir.

Formar uma banda, como?

Isso em 1870, vê. Antes dos meus avós.

Então, não sabemos onde, conseguiram instrumentos, em péssimas condições.

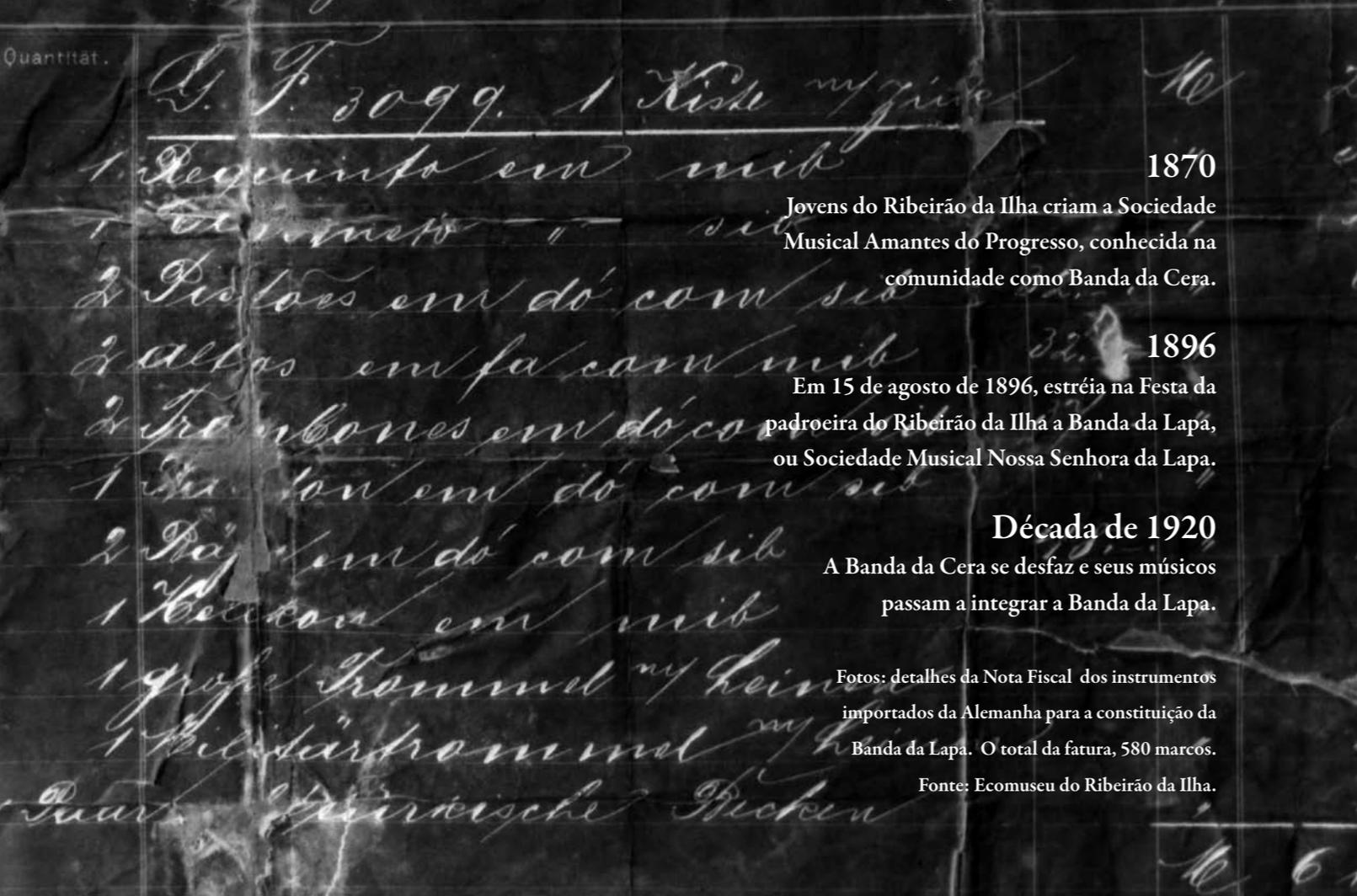
Para consertar os instrumentos eles usavam cera de abelha... A quantidade de cera era tanta que no fim botaram o nome de Banda da Cera. Mas o nome verdadeiro dela era Sociedade Musical Amantes do Progresso.

E durou 25 anos essa agonia.

Aí nossos avós, vendo que aquela estava tocando numa Festa da Lapa com dificuldade, e com medo de ficar sem Banda, fundaram a Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa.

Como não existia fabricação de instrumentos no Brasil, mandaram buscar na Alemanha... Na chegada do instrumental a outra banda, ‘da Cera’, veio homenageá-la. Enquanto uma tinha melhores músicos, a outra tinha melhores instrumentos. Então era uma competição enorme, as duas bandas”.

Foto e depoimento de Alécio Heidenreich, músico e colaborador da Banda da Lapa desde 1951.



1870

Jovens do Ribeirão da Ilha criam a Sociedade Musical Amantes do Progresso, conhecida na comunidade como Banda da Cera.

1896

Em 15 de agosto de 1896, estréia na Festa da padroeira do Ribeirão da Ilha a Banda da Lapa, ou Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa.

Década de 1920

A Banda da Cera se desfaz e seus músicos passam a integrar a Banda da Lapa.

Fotos: detalhes da Nota Fiscal dos instrumentos importados da Alemanha para a constituição da Banda da Lapa. O total da fatura, 580 marcos.

Fonte: Ecomuseu do Ribeirão da Ilha.





“Banda do Zé Pereira” (formada por Músicos da Banda da Lapa), num dos carnavais da década de 1960, em Florianópolis-SC. Com o surdo e o apito, Agenor Firmino da Silva.



O sopro

[2º Ato - 09 minutos]

“Chegava nessa época de carnaval, a banda saía, na rua tocando. Todo mundo ia dançar. Eu até fiz muitas vezes... Saía de casa em casa combinando: vamos vestir de fantasma! Todo mundo com lençol, ninguém sabia quem era. E havia um respeito muito grande - hoje em dia ninguém pode fazer isso... Naquele tempo era nós e tá acabado! Então esperávamos na esquina ali, escondidos. Quando a banda passava a gente saía dançando, todos de branco, de lençol, numa turma de quinze, vinte pessoas, coisa mais linda. Todo mundo queria.”
Anita, moradora do Ribeirão da Ilha.

“Quando chegava mais ou menos o meio de janeiro até o último domingo que antecede o carnaval, eram feitos ensaios da banda, regularmente aos sábados e domingos. Nos sábados à noite e domingos à tarde, a banda saía na rua, o povo ia atrás”. Fabiano, sax alto.

“No Zé Pereira de antigamente, o pessoal saía com lençol, as senhoras faziam lanternas. Não tinha essa quantidade de pessoas que tem hoje. Agora só pode fazer 3 ou 4 horas de show, pois vem na faixa de 5 mil pessoas, fecha o trânsito”.
Dedinha, percussão.

No contra-baixo, Vilmar Alves da Silva (Vitamina), tocando em carnaval no Clube Limoense.



Após ter animado carnavais do Ribeirão da Ilha desde o seu surgimento, na década de 1950 a Banda da Lapa foi convidada a se apresentar no carnaval do Clube Limoense, no Bairro Saco dos Limões, onde tocou por mais de 35 anos. A então “Banda do Zé Pereira”, se dividia em dois grupos para tocar o baile sem intervalos. Cada grupo tocava 15 minutos e se revezava no palco. Segundo Carlos Heidenreich, “só a canja ia mais de uma hora, quando a banda se animava. Lá no Limoense tinha um palquinho e depois da canja todo mundo descia e dançava com o público, em volta do salão. Depois ia pra rua. Aí então era aquela festa... festa de final de feira! Era cansativo, mas era bom.”



Nas fotos desta página: Agenor Firmino da Silva, Alécio Heidenreich, Arnaldo Feliciano (Dedinha), Carlos Heidenreich, Cid Heidenreich, Vilmar Alves da Silva, Sidney Heidenreich, Manoel Fraga, Valdemar Passos, Paulo Heidenreich, Manoel Marcos da Silveira (Canhoto), Dalmiro Venâncio da Silva, Nelson Pedro Ferreira, José Garcia, Naído Garcia, Paulo A. Vieira e Osmarino Avelino Vieira.

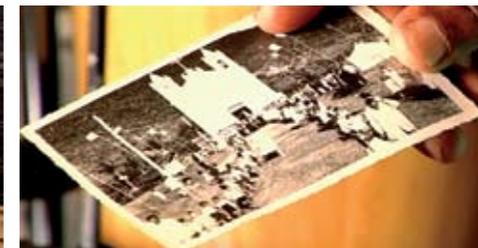


“povão” seguiu a banda pelas ruas centenárias do distrito.

O Ribeirão da Ilha assistiu no último sábado à noite um movimentado “Zé Pereira”, que reuniu mais de 700 pessoas. A festa começou com uma concentração na Praça defronte à Igreja,

e o “povão” atrás. Todos os permaneceram abertos aguardando a banda pelos foliões. No final da “linha” houve uma concentração para descansar por uma hora. Em seguida, foi feita a saída para quase uma hora





O pulso

[3ª parte - 11 minutos]

“Eu não consigo imaginar o Ribeirão da Ilha sem a banda, e também não consigo imaginar a banda sem o Ribeirão da Ilha”.

Dárcio, sax alto e regente.

“É como imaginar o Ribeirão sem a Igreja, como imaginar o Ribeirão sem a lajota, coisas bem características daqui. O Ribeirão sem as casinhas... Quem conhece o Ribeirão e conhece a banda, e tem esse carinho por ela, não tem como imaginar.” Bárbara, clarinete.

“A música me faz bem. A música é uma arte.”

Antonio, clarinete.

O ritmo do Ribeirão



Manchete de 28/01/2008,
jornal Diário Catarinense.
Acervo: Banda da Lapa.



“Eu não vejo a música só como a música em si, mas o silêncio também, os ruídos. No caso, o mar aqui em frente está fazendo uma música. Então acho que é uma coisa bem indispensável. É como se fosse um alimento, um alimento invisível.”

Valéria, clarinete.



“Como a percussão, é o coração da música, o batimento. O Ribeirão também pode ser levado como um corpo. E a Banda está no peito deste corpo. Porque música é emoção, é movida de emoção”.

João Pedro, percussão.



“Quando tu me perguntas o que é música, é complicado eu te definir que música é a arte de combinar os sons. Porque pausa também é música, não é? O que seria da música se não houvesse a pausa? Música expressa sentimentos e é uma relação matemática. A música é o encontro das ciências exatas com as ciências humanas.”

Dárcio, sax alto e regente.



A pausa

[4ª parte - 12 minutos]

“Cada um que aprendia, a gente dizia: hoje tu és aprendiz, amanhã tu és professor. Vais ter que ensinar tudo que tu aprendeste para os outros que querem aprender. Então a gente começou a transmitir tudo o que sabia, o pouco que sabia, começou a transmitir. E formamos uma porção de turmas que hoje em dia ainda consideram a gente como professor.”

Alécio, músico e colaborador.

“Antes eu ficava a tarde em casa sem fazer nada. Ficava deitado, mexendo no computador. Agora estou quase todo dia aqui. E hoje o que eu sei de som, de música, foi tudo o que aprendi aqui.” Juninho, técnico de sonorização.



TrabalhosocialdaBanda da Lapa é reconhecido pela imprensa e comunidade, mas só recentemente passou a ter sua importância compreendida pelos órgãos públicos. Entidade solicita apoio para manutenção e expansão das atividades de ensino, formação de professores e aquisição de instrumentos. Na foto acima, Mayk Edson de Souza ministra aula de clarinete a crianças. Na foto abaixo, matéria do jornal A Notícia, publicada em 2006.



A Banda da Lapa mantém um trabalho voluntário de formação musical há mais de 50 anos. Pessoas de todas as idades são atendidas gratuitamente, recebendo aulas teóricas e práticas nos mais diferentes instrumentos - e a oportunidade de ingressar na banda. A importância social desta formação inclui ainda a abertura de perspectivas profissionais para os músicos ali formados. É recorrente que vários deles tenham ingressado em concursos públicos para bandas militares ou em outros circuitos profissionais da música.

“Tomei isso como missão na vida, ajudar a banda e ajudar a quem eu puder, com a música. Não só pelo fato de eu viver da música, mas porque eu aprendi de graça. E hoje vivo do que gosto, não sou rico mas também... sou feliz. Então eu quero ajudar o pessoal com a música. Esse é o meu objetivo e é muito por isso que eu aceitei ser instrutor.

Tem muita gurizada dessa que está aí mas tem talento... Vai que descobre um guri destes, lá na última casa da servidão da favela, que tem ouvido absoluto. Pronto, muda a vida do cara. E já pensaste se eu for o intermédio dessa mudança... Vou ficar mais feliz do que ele!

Hemerson, trombone e tuba.



Everton Luiz dos Santos, trombonista, um dentre as centenas de jovens formados nos cursos ministrados voluntariamente por músicos da Banda da Lapa. Música amplia auto-estima e horizonte de expectativas.



O tom da cor do som

[Extras - 07 minutos]

Seria possível designar uma cor para o som de um instrumento?

Inspirado no filme *Ensaio de Orquestra* (1978), do cineasta italiano Federico Fellini, fez-se essa pergunta aos músicos da Banda da Lapa. Algumas das respostas estão no curta.

Rancho de Amor à Ilha, o Hino de Florianópolis, composição de Cláudio Alvim Barbosa (Zininho), é uma das melodias que conduz a narrativa por entre paisagens do Ribeirão da Ilha.



Toque feminino

[Extras - 04 minutos]

Foi somente no ano de 2000 que a Banda da Lapa passou a ter mulheres entre seus integrantes. Maria Cristina de Oliveira, então com apenas dez anos de idade, foi a precursora desta revolução.

“Naquele tempo, se existisse mulher na banda, tocando, eu era a primeira. Não tinha. Não era do costume, não era livre. Hoje em dia a maioria é de meninas que estão tocando. Na minha época não podia. Era tratado como uma desonra, só pode ser.”

Anita, moradora do Ribeirão da Ilha.

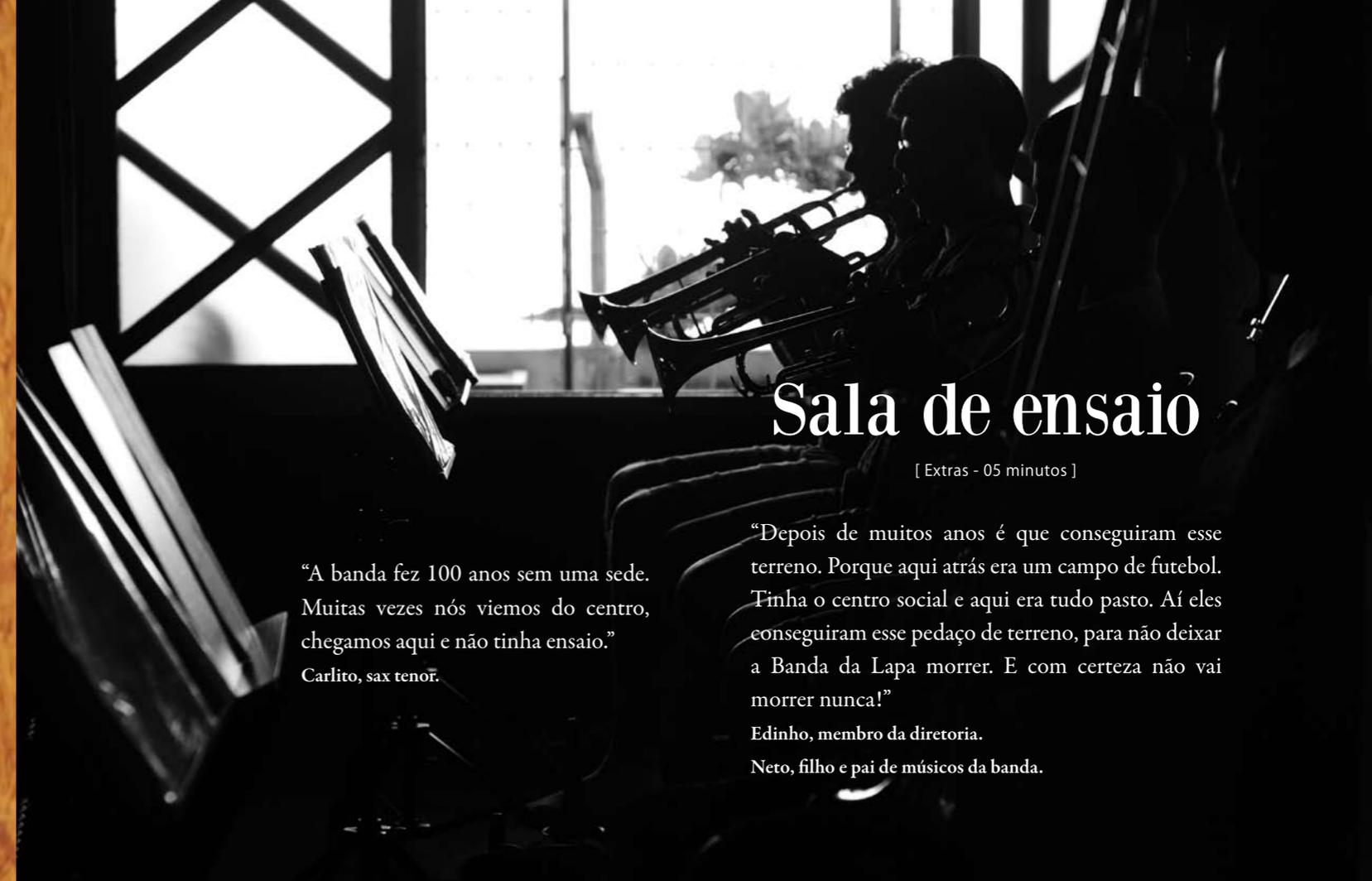
Nas fotos ao lado, Jéssica e Vitória, flautistas. Nas fotos acima, Isabela (clarone), Bárbara e Valéria (clarinete) e Lisandra (flauta).



Acima, banda ensaia no terreno em que seria construída a atual sede, sob regência do Maestro Mario João Daniel (década de 1990). Abaixo, construção da sala de ensaio, viabilizada através de mutirão que envolveu músicos, familiares, amigos e membros da comunidade (2009).



SALA DE ENSAIO



Sala de ensaio

[Extras - 05 minutos]

“A banda fez 100 anos sem uma sede. Muitas vezes nós viemos do centro, chegamos aqui e não tinha ensaio.”

Carlito, sax tenor.

“Depois de muitos anos é que conseguiram esse terreno. Porque aqui atrás era um campo de futebol. Tinha o centro social e aqui era tudo pasto. Aí eles conseguiram esse pedaço de terreno, para não deixar a Banda da Lapa morrer. E com certeza não vai morrer nunca!”

Edinho, membro da diretoria.

Neto, filho e pai de músicos da banda.

Banda da Lapa, em 1952. Sentado à esquerda, Maestro Basílio Machado, compositor do dobrado Ressurgimento. Na foto: Oscar Silva, José Olímpio Xavier, Basílio Machado, Ângelo Cordeiro, João José de Ávila, Cid Heidenreich, Agenor Firmino da Silva, Orlando Xavier, Ari Xavier de Souza, Alécio Heidenreich, Antonio Rodrigues, Osmarino Avelino Vieira, Neri Antunes da Cruz, Nelson Concelino Tristão, Alcides Firmino da Silva, Herminio Martins, Donato Lopes, Djalma Euclides da Silva, Alberto Fenner, Valmir Xavier, Manoel Fraga, Durismundo Barros, Vitalino Fraga, Dalmiro Venâncio da Silva.



Ressurgimento

[Extras - 06 minutos]

Em 1951, por falta de instrumentos em condições de uso, a Banda da Lapa não pode tocar na Festa da Padroeira do Ribeirão da Ilha, a Nossa Senhora da Lapa. A comunidade, entristecida, seguiu para casa após a festa, pois não havia nada que a animasse.

Após várias providências da comunidade para reestruturação da banda, esta volta a tocar publicamente em 1952, estreando o dobrado Ressurgimento, criado pelo Maestro Basílio Machado especialmente para o evento.

Este dobrado foi então executado por muito tempo, mas esteve esquecido do repertório da Banda da Lapa desde a década de 1990.

Durante o processo de pesquisa para produção deste documentário, diferentes trechos da partitura foram encontradas com antigos integrantes. E com a ajuda do Maestro Mario João Daniel, foi re-escrito o arranjo. No jantar para sócios, em 27 de novembro de 2010, a música Ressurgimento voltou a ser executada e a integrar o repertório da Banda da Lapa.





Jéssica, Vitória, Valéria, Weverton, Isabela, Antonio e Juninho (ao fundo).
Toccata após procissão da Festa do Divino, praia de Canasvieiras. Século XXI.



Na foto de fundo, toccata no Clube 12 de Agosto, praia de Jurerê, 27 de outubro de 1973.
À frente, foto da procissão de Nossa Senhora do Rosário no Ribirão da Ilha, década de 1960. Século XX.

Ribeirão da Ilha e suas bandas

Por Alécio Heidenreich.



Os músicos Hemerson Calandrini e Wellington Correa afinam seus instrumentos na sede da Banda (fevereiro de 2011).

Por volta de 1870 vivia na Freguesia de Nossa Senhora da Lapa, hoje Ribeirão da Ilha, um povo cuja atividade principal era a pesca. Poucos eram os que se dedicavam à cultura da terra. Embora fosse um povo com baixo grau de escolaridade, sabiam apreciar as artes, principalmente a música. Tinham como costume nas noites quentes de luar, sentarem-se nas calçadas até altas horas da noite para cantarem ao som do cavaquinho, violão, pandeiro e outros instrumentos populares.

O amor pela música fez com que numa daquelas noites alguém falasse em fundar uma banda de música. Todos riram, parecia uma piada. Mesmo assim, a idéia foi crescendo. Liderada por Benevenuto Silva, Fabriciano Souza, João Rosa e outros, conseguiram, não sabemos como, nem onde, um instrumental em péssimas condições de uso. Nascia a primeira banda do Ribeirão.

Para fazer os instrumentos funcionarem era preciso eliminar os vazamentos com cera de abelhas. A quantidade de cera empregada chamava a atenção do público que não perdeu tempo em denominá-la a “Banda da Cera”, esquecendo o seu verdadeiro nome: “Sociedade Musical Amantes do Progresso”. O apelido não incomodava os músicos. O importante era a presença da sua bandinha em todos os eventos.

O tempo passou e nenhum outro equipamento foi adquirido e por isso a deficiência do material aumentava. Os recursos



Banda da Lapa na década de 1990. Maestro Mario João Daniel, Vilmar Alves da Silva, Manoel Fraga, Paulo Edson Heidenreich, Osmarino Avelino Vieira, Agenor Firmino da Silva, Fabiano Arnaldo Feliciano, Paulo Avelino Vieira, José Garcia, Dárcio Arcelino Nunes Filho, Valmir Xavier, Arnaldo Manoel Feliciano (Dedinha), Sidney Heidenreich, Milton Tiburcio Gonçalves, Alécio Heidenreich, Sergio Luiz do Nascimento, Fernando Luiz do Nascimento, Fabiano Luiz do Nascimento, Carlos Heidenreich.



Banda da Lapa na década de 1960, em frente a Igreja Nossa Senhora da Lapa, no Ribeirão da Ilha. Na foto, estão presentes os músicos Nelson Pedro Ferreira, Alécio Heidenreich, Milton Tiburcio Gonçalves, Agenor Firmino da Silva, Paulo Edson Heidenreich, Osmarino Avelino Vieira, Cid Heidenreich, Valdir José de Souza, Alcides Firmino da Silva, Dalmiro Venâncio da Silva, Neri Antunes da Cruz, Oscar Gustavo da Silva, Roberto Avelino Vieira (Betinho), José Olímpio Xavier.

empregados na recuperação não funcionavam totalmente, dificultando a execução das músicas.

Diante da situação, numa festa de Nossa Senhora da Lapa, o povo percebeu e sentiu que alguma coisa deveria ser feita imediatamente, antes que a bandinha desaparecesse. A comunidade não aceitava mais a hipótese de ficar sem música nas suas festas. Já haviam se passado, até então, 25 anos de alegria.

Diante do problema que se apresentava, Hermínio Silva, Gustavo Fenner, Macário Wolf, José Carl Heidenreich e outros, tomaram a iniciativa e fundaram a Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa em homenagem ao dia da sua santa padroeira, na festa do dia 15 de agosto de 1896. Esta conseguiu recursos



Banda da Lapa na década de 1970. Na foto, Osmarino Avelino Vieira, Agenor Firmino da Silva, Cid Arcanjo Heidenreich, Oscar Silva, Paulo Edson Heidenreich, Jose Garcia, Vilmar Alves de Souza, Manoel Arnoldo Feliciano (Dedinha), Carlos Heidenreich (Carlito), Naido Garcia, Manoel Marcos da Silveira (Canhoto), Manoel Fraga, Roberto Avelino Vieira (Betinho), Valmir Xavier, Alécio Heidenreich.

e importou da Alemanha, através da firma Carl Hoepcke, um instrumental novo (a nota fiscal fatura desta compra no valor de 580 marcos, encontra-se no Ecomuseu do Ribeirão da Ilha). A “Cera”, apesar de muito distanciada da sua co-irmã no que diz respeito a equipamentos, levava a vantagem no material humano – seus músicos eram mais experientes.

A chegada do instrumental foi num dia de festa. Até a “Banda da Cera” compareceu com seus velhos instrumentos para homenagear, executando um dobrado. Apesar de ferida no seu orgulho, reagiu e continuou humildemente o seu trabalho, executando belas melodias nas mesmas condições da sua rival, mesmo à base de cera.



No evento de comemoração ao centenário da Banda da Lapa, celebrado em 18 de agosto de 1996, foi organizado no Ribeirão da Ilha um encontro que contou com a participação de cinco bandas.

A partir daí, a Freguesia de Nossa Senhora da Lapa passou a ter duas bandas em todos os eventos religiosos, cívicos, carnavalescos e outros. Uma disputa começava. Os ensaios eram escondidos, em locais e datas alternadas e até de madrugada, para evitar que uma banda conhecesse o repertório da outra. Durante muitos anos elas apresentaram-se lado a lado, disputando a preferência do público, até que um dia aconteceu o que o povo acreditou ser um milagre de Nossa Senhora da Lapa.

Como de costume, numa festa, as duas bandas apresentavam-se normalmente. Era sábado à noite. Lá pela meia-noite o povo foi se retirando, ficando somente as duas bandas – nenhuma delas queria sair primeiro. Virou competição. Às 4 da madrugada, juntaram-se para fazer um lanche. Não havia inimizade. Após o lanche, voltaram a postos e cada uma executava uma peça como se estivessem em plena festa. O dia amanhece, começa a chegar o povo e a festa continua: missa, procissão e encerramento. As bandas voltam a seus postos. Os familiares já preocupados com a situação, e os sem-pressa “soprando fogo” para ver no que ia dar. Eis que o povo chamou de milagre: uma tempestade se formou e veio com tudo, embora o tempo estivesse bom. A correria foi geral – não houve vencedor. Acabou a competição.

O tempo passava e uma coisa as duas bandas não podem mais evitar: o desgaste material. A Banda da Cera sentia a aproximação do fim de suas atividades, tendo em vista o alto grau de desgaste de seus instrumentos e a falta de recursos para substituição. Os músicos reconheceram com tristeza que não podiam mais continuar o seu trabalho. Para os mais insistentes e apaixonados pela música, só restava uma solução: juntar-se à Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa, que por sua vez, lamentava a extinção de sua rival e acolhera com todo o carinho os velhos artistas, reforçando assim o seu quadro. Agora a banda sabia que estava só e teria que fazer o papel das duas.

Em 1935 a Sociedade consegue recursos mais uma vez e adquire um novo instrumental. Desta vez, nacional, pois já havia fabricação desses instrumentos no Brasil. As atividades continuavam normalmente. As apresentações eram feitas em todas as localidades vizinhas e até no continente. O povo orgulhava-se de ter a sua banda, sendo lugar tão pequeno. Sabiam que em muitas cidades grandes não existia e que em outras existira, mas acabara por falta de recursos.

Passaram-se 15 anos. Os instrumentos, agora nacionais – enfrentando muitas vezes transporte pelo mar, não tinham a mesma resistência daqueles importados da Alemanha, que duraram 30 anos – começaram a apresentar problemas. A solução era um novo instrumental, porém a falta de recursos era total e não havia condições de substituir nem ao menos alguns instrumentos já fora de uso. Um apelo foi feito à comunidade, que não se sensibilizava, e então a banda começava a diminuir suas apresentações.

Finalmente chega agosto de 1951. Era dia de festa de Nossa Senhora da Lapa e a banda não pôde comparecer. O povo lamentou e chorou a sua falta, mas reconheceu que era responsável por tal situação, não atendendo aos apelos dos músicos. Foi uma festa triste para quem já teve duas bandas. Éramos jovens e talvez os mais tristes, por falta de música. Na época ainda não havia energia nem som eletrônico. Não parecia ser dia de festa.

Terminada a missa, o povo recolheu-se à sua casa. Nada havia que pudesse segurá-los na festa, faltava a banda. Conversamos com alguns músicos que estavam presentes, tristes e inconformados. Neste mesmo dia foi marcada uma reunião à noite na casa do músico João Ávila para estudar as possibilidades da reorganização imediata da banda. Naquela reunião compareceram todos os músicos, mais dezessete jovens interessados em ingressar na banda. Discutiram todos os detalhes até altas horas da noite para contratar um maestro, acertar

Apresentação da Banda da Lapa sob regência do maestro Paulo Cordeiro Dutra, década de 1970.



problemas de hospedagem, transporte e outros. Começava nova luta. Vários instrumentos novos foram encomendados pelos pais dos participantes, e os antigos foram encaminhados à fábrica para total recuperação. Enquanto isso, os novatos recebiam aulas intensivas de teoria musical. Três meses se passaram. Enfim chegaram os instrumentos e começaram os ensaios práticos, que duraram nove meses.

Quando chegou agosto de 1952, dia da festa de Nossa Senhora da Lapa, a expectativa era grande. Todos aguardavam a bandinha que chegava com dezoito componentes, vindo na frente cinco veteranos para dar coragem aos treze novatos que apresentavam-se em público pela primeira vez. Tudo pronto. O maestro Brasília Machado levanta a batuta e o dobrado de sua autoria, composto especialmente para este momento, é executado: “Ressurgimento”. “Viva a banda! Nunca mais a deixaremos cair!” Era o que se escutava entre os aplausos e choros de emoção. Tudo promessa vã. A banda não precisava mais do apoio do povo. Já tinha instrumentos e uniformes novos.

A lgum tempo depois, nossos pais já cansados, entregaram-nos a bandeira de luta. Uma nova etapa se iniciava. Dois anos depois, o maestro Brasília Machado foi embora. Assumira a regência interinamente Oscar Silva. Nesse período passaram por aqui os maestros Aristides, Onofre e Lavinho. Em 1968 conseguimos o maestro Paulo Cordeiro Dutra, que se tornou um membro da família de cada músico, por causa de sua grande bondade. Através dele veio seu irmão Nilo Cordeiro Dutra, clarinetista “cinco estrelas”, e o Sr. Manoel Marcos da Silveira (vulgo Canhoto), especialista em recuperação de instrumentos.

A morte destes amigos nos deixou muito tristes e abalados. Um acontecimento que não posso deixar de registrar e me deixa emocionado cada vez que relato: o Senhor Canhoto, meu particular amigo, sempre quando eu ia levá-lo em casa, no Estreito, após os ensaios, falávamos de nossos problemas

personais, mas sempre a conversa recaía na banda e nas dificuldades para mantê-la ativa. Uma delas, o lugar para os ensaios, que eram sempre locais cedidos gratuita e temporariamente por alguém. Por isso mudamos de local umas dez vezes. Depois, os instrumentos e os músicos - que moravam até 30km longe do local dos ensaios, como era o caso do maestro Paulo Dutra e seu irmão Nilo Dutra, entre outros. Naquela época, o ônibus para o Ribeirão tinha só um horário, vindo para o centro de manhã e voltando à tardinha. Por isso, eu tinha que levá-los em casa após os ensaios, deixando-os em suas residências para depois então ir dormir sentado no meu fusquinha em frente à repartição onde trabalhava. Isto durou vinte anos.

Em 1998, na Festa do Divino Espírito Santo, no Ribeirão, logo no início do desfile do cortejo, meu instrumento pifou. Quando chegamos na igreja fomos ao barracão. Lá chegando, comentei com os colegas o meu problema. Tentei desesperadamente descobrir o defeito, não conseguindo. Os outros músicos também tentaram, tudo em vão. No meu desespero rezei e falei em voz alta a meu amigo Canhoto, que já havia morrido: “Quanta falta o Senhor me faz, por favor, me ajude!” Dito isto, alguns minutos depois disse aos colegas que ia em casa ver outro instrumento que estava indo para o concerto. Ao me levantar, alguma coisa me fez experimentar novamente o instrumento. Para nossa surpresa ele estava perfeito, parecia novo. Todos ficamos estupefatos. Um deles comentou: “Meu Deus, ele te escutou! Foi ele!” Muito obrigado meu amigo, o senhor continua em nossos corações.

Em 1992, o maestro Paulo Dutra afastou-se para tratamento de saúde e não pode mais voltar. Regeu a banda até 1993, Cid, meu irmão. Foi quando chegou o maestro Mário João Daniel que, com sua experiência de mestre e arranjador “cinco estrelas”, aceitou nosso convite e levou a banda ao auge de sua história, arrancando do público aplausos e elogios em todas as apresentações.



Músicos da Banda da Lapa, década de 1960. Neri Antunes da Cruz, Roberto Avelino Vieira (Betinho), Agenor Firmino da Silva, Jose Olimpio Xavier, Lorival Silva de Souza (Vavá), Osmarino Avelino Vieira, Manoel Fraga, Paulo Edson Heidenreich, Alcício Heidenreich, Dalmiro Venâncio da Silva, Milton Tiburcio Gonçalves, Valdir José de Souza, Nelson Pedro Ferreira, Alcides Firmino da Silva.

Mas aquela promessa feita pela comunidade em 1952, quando a banda voltou as suas atividades, foi esquecida até o final de 1997. A banda continuou sozinha, enfrentando todas as dificuldades. Somente em 1998 conseguimos alguns sócios contribuintes que nos ajudaram a manter as despesas com a recuperação dos instrumentos. Mesmo assim, a banda é a primeira que chega nas festas, trazendo a sua mensagem através da música.

Lembramo-nos com saudades daqueles dezoito alegres componentes que se apresentaram em 1952. Através deles, várias turmas de principiantes passaram pela banda. Aprenderam e fizeram carreira nas bandas militares. Pelas amizades que temos, trouxemos excelentes músicos profissionais de outras localidades que aqui deixaram suas experiências. Aos nossos amigos e mestres que já se foram, queremos registrar aqui, em nome da comunidade Ribeironense, a saudade, nossos agradecimentos pela dedicação e bons serviços prestados ao seu povo.



Camboriú-SC, 1974. Na foto, presentes José Lino Althof, Angelo Bonateli, Maestro Paulo Cordeiro Dutra, Agenor Firmino da Silva, Vilmar Alves da Silva, Carlos Heidenreich, Manoel Fraga, Sidney Heidenreich, Valdir José de Souza, Alcício Heidenreich, Paulo Edson Heidenreich, Manoel Arnoldo Feliciano, Naido Garcia, Nelson Pedro Ferreira, Néri Antunes da Cruz, Dalmiro Venâncio da Silva, Cid Heidenreich, Milton Gonçalves, Osmarino Avelino Vieira.

É em memória a eles que pretendemos levar avante os trabalhos que fizeram com tanto carinho. Tentaremos remover as dificuldades que surgem dia a dia. Entretanto reconhecemos que é uma missão muito difícil, pois sabemos que outros também tentaram fazer o mesmo, mas não conseguiram suportar sozinhos os problemas financeiros. Esperamos que a nossa banda não seja a próxima a encerrar as suas atividades. Por isso, fazemos aqui um apelo a todos que gostam de música, principalmente os conterrâneos, porque a banda também é deles. Saibam que a metade dos instrumentos em uso pertence aos próprios músicos e o restante já é de difícil recuperação pela antiguidade, pois foram doados em 1983 pela Base Aérea, quando soubemos que estavam em depósito para descarga. Isto significa que a sua existência está limitada. Ajudem-nos a renovar e manter a banda em plena atividade.

Devemos dizer que nos sentimos satisfeitos, felizes e até honrados em permanecer o dia inteiro presos a um banco, sem nada exigir, sem poder dar atenção às esposas, filhos, netos ou mesmo conversar com os amigos, nos dias de festa, muitas vezes até esquecidos do almoço prometido pelos festeiros. Tudo isso para alegrar o ambiente. Cabe a nós a preocupação de formar novos músicos, ensaiar, para estarmos atualizados e oferecer o melhor nesta arte.

Finalizando, lembramos que será muito doloroso para um povo que já teve duas bandas, um povo que está acostumado há mais de cem anos com a sua melodia, deixar que volte a tristeza que passou na Festa de Nossa Senhora da Lapa, em 1951. Vamos seguir o exemplo de nossos bisavós, avós e pais, que não mediram esforços para ter a sua banda. Somente com a participação de todos é que poderemos continuar trazendo alegria às crianças, aos jovens, aos idosos, enfim, a todos os que apreciam a bela arte da música. Por favor, ajudem-nos.

* Texto de autoria de Alcício Heidenreich, escrito em 1991. Adaptado do original, publicado no livro "Ribeirão da Ilha vida e retratos: um distrito em destaque", de Nereu do Vale Pereira e Francisco do Vale Pereira (Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1991. 502p.).

Integrantes da Banda da Lapa e familiares por volta do ano de 1928, no Ribeirão da Ilha. Na foto foram identificados os músicos João Cavalheiro (Doca), Valdemar Silva, Oscar Gustavo da Silva, Paulo Pedro Heidenreich, Roberto Avelino Vieira, Angelo Cordeiro, João José de Ávila, Estevão Fenner, Juvêncio Fraga, Dario Silva, Juca Xavier de Souza, Macário Wolff, Herminio Teófilo Heidenreich e, dentre as crianças à frente, Cid Heidenreich e Dauro Silva.



DVD

67 minutos, NTSC, Florianópolis-SC-Brasil, 2011

Direção, Roteiro, Fotografia e Edição: Daniel Choma.

Pesquisa e Produção: Tati Costa.

Livro

1ª edição, Florianópolis-SC, 2011

Organização: Daniel Choma e Tati Costa.

Fotografias antigas da Banda da Lapa gentilmente cedidas por Alécio Heidenreich, Arnaldo Manoel Feliciano (Dedinha), Anita Maria de Moraes, Vilmar Alves da Silva, Claudionor Andrade (Nonô), Acervo do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha e Acervo da Banda da Lapa.

Fotografias de 2010 e 2011: Daniel Choma e Tati Costa.

Textos, Edição e Editoração Gráfica: Daniel Choma.

Produção: Câmara Clara - Instituto de Memória e Imagem.

Apoio: Sociedade Musical e Recreativa Lapa / Ponto de Cultura Educação Musical Popular.

Realização: Cultura Viva, Mais Cultura, Funarte, Secretaria de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura e Governo Federal. Esta iniciativa integra o Prêmio Interações Estéticas - Residências Artísticas em Pontos de Cultura - 2010.

www.camaraclara.org.br | contato@camaraclara.org.br

www.bandadalapa.com.br | bandadalapa@hotmail.com

ficha técnica

Memórias e Harmonias da Banda da Lapa



entrevistados

Alécio Heidenreich
Alexandro Heidenreich (Kalunga)
Álvaro Dias
André Pacheco Henrique
Anita Maria de Moraes
Antônio Romeu Dutra
Arnoldo Manoel Feliciano (Dedinha)
Bárbara Farias Martins
Carlos Heidenreich (Carlito)
Claudionor Andrade (Nonô)
Dárcio Arcelino Nunes Filho
Edson Xavier de Souza (Edinho)
Eduardo Correa (Dudu)
Ellison Wilamil
Everton Luiz dos Santos
Fabiano Arnoldo Feliciano
Francisco de Assis da Cunha
Geovane Romeu Ribeiro
Guilherme Pereira Bach
Hemerson Calandrini Tristão Coelho
Hernandes Vieira

Hilton Fernando da Silva Pinheiro
Humberto Cesar Ribeiro
Ivan Eugênio da Cunha

Isabela Souza da Natividade
João Pedro Guerreiro de Souza
José Carlos Correa
José Hortêncio Martins Jr. (Juninho)
Julio César Bach
Lisandra Barbosa Macedo
Maria Bernadete Martins Correa
Mario João Daniel
Mayk Edson de Souza
Natan Marques Alves
Nereu do Vale Pereira
Paulo Edson Heidenreich
Valéria Valdeci Martins
Vilmar Alves da Silva (Vitamina)
Virginia Maria da Silva Cunha
Wellinton Carlos Correa
Weverton José Correa

agradecimentos

A todos os músicos, diretores e colaboradores da Banda da Lapa, em especial ao Sr. Alécio e Dedinha.
Ao maestro Mario João Daniel, pela atenção à partitura de Ressurgimento.
Ao professor Nereu do Vale Pereira, pela entrevista e disponibilização de acesso aos acervos do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha.
Ao Juninho, técnico de sonorização da Banda da Lapa, sempre disposto a ajudar.
À Lisandra Barbosa Macedo e Alberto Gonçalves, colaboradores da banda, e às professoras da UDESC Márcia Ramos de Oliveira e Janice Gonçalves, pelo apoio.
A toda comunidade do Ribeirão da Ilha, em especial aos moradores Álvaro Dias, Virginia e Cláudio da Cunha.
Aos idealizadores e gestores da política cultural que viabilizou a realização deste trabalho.



Desde 2009, a Banda da Lapa é Ponto de Cultura do Ministério da Cultura, com o projeto Educação Musical Popular. A iniciativa já proporcionou 18 cursos para crianças, jovens e adultos das comunidades adjacentes ao bairro Ribeirão da Ilha, além de melhorias na sede e qualificação de instrutores.



Composição da **Sociedade Musical e Recreativa Lapa** no período de realização das filmagens

Diretores

José Carlos Correa
Adair Bueno
Wellinton Carlos Correa
Geovane Romeu Ribeiro
Valéria Valdeci Martins
Júlio César Bach
Edson Xavier
Weverton José Correa
Matheus Filipi da Cunha
José Hortêncio Martins
Eduardo Correa
Anderson Osvaldo de Orleans

Voluntários e colaboradores

Alberto Gonçalves
Celina Duarte Rinaldi
Conselho Comunitário do Ribeirão da Ilha

Técnico de Sonorização

José Hortêncio Martins Jr.

Músicos

Flauta Transversal

Jéssica Taicyani da Silva
Lisandra Barbosa Macedo
Vitória Ramos Barcelos

Clarinete

Antônio Ribeiro
Bárbara Farias Martins
Valéria Valdeci Martins
Weverton José Correa

Clarone

Isabela Souza da Natividade

Saxofone Alto

Dárcio Arcelino Nunes Filho
Fabiano Arnaldo Feliciano
Natan Marques Alves
Vinícius Ramos Barcelos

Saxofone Tenor

Mayk Edson de Souza
Wellinton Carlos Correa

Trompetes

Geovane Romeu Ribeiro
Guilherme Pereira Bach
Ivan Eugenio da Cunha
Júlio César Bach
Matheus Filipi da Cunha

Trombones

Everton Luiz dos Santos
Francisco Assis Cunha
Hilton Fernando Pinheiro

Trombone e Tuba

Hemerson Calandrini

Percussão

Arnoldo Manoel Feliciano
Eduardo Correa
Hernandez Vieira
João Pedro G. Souza
Ricardo Coelho Dutra

Baixo Elétrico

Ellison Wilamil

Guitarra Elétrica

André Henrique





A Banda da Lapa na década de 1940. Vitalino Fraga, Roberto Avelino Vieira, João Cavalheiro (Doca), Nestor Silva, Oscar Silva, Ângelo Cordeiro, Cid Heidenreich e Remaclo Xavier.
Foto: reprodução do acervo do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha.

Você pode adquirir a versão impressa deste Livro, incluindo DVD com o documentário Memórias e harmonias da Banda da Lapa e outros quatro curtas acessando o site www.camaraclara.org.br ou através do e-mail contato@camaraclara.org.br

Para contactar a Banda da Lapa, visite o site www.bandadalapa.com.br ou escreva para bandadalapa@hotmail.com



Este livro digital Memórias e harmonias da Banda da Lapa está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada.
Para detalhes acesse: http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt_BR